

SITUAÇÕES IMPREVISTAS COMO POSSIBILIDADES PARA A TOMADA DE DECISÃO PEDAGÓGICA

ISABEL DE FREITAS VIEIRA COIMBRA¹; MARTA NÖRNBERG²

¹Universidade Federal de Pelotas – isabelvieir@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – martaze@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como objeto de análise a experiência em estágio docente realizada como atividade final da graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas. O estágio se deu em uma escola da rede estadual do município de Pelotas-RS, com uma turma de primeiro ano do ensino fundamental. Assim, este artigo traz como principal objetivo a análise da diferença entre o que fora inicialmente planejado pelas estagiárias e o que de fato foi realizado, por razões externas ao planejamento das aulas, e analisa os saberes utilizados nas tomadas de decisão resultadas pelos imprevistos.

As aulas dadas no período de estágio foram primeiramente planejadas e, após sua realização, registradas em um diário de estágio. O planejamento previa organizar o trabalho docente e as atividades pensadas em prol dos objetivos e conteúdos previstos para o trimestre. Planejar é uma tarefa imprescindível na prática docente, pois organiza, sustenta e dá segurança para a professora agir na sala de aula. No entanto, segundo Meirieu (2005), qualquer planejamento pode se tornar vazio ao passar para o plano real, pois os alunos são sempre imprevisíveis. Além disso, os objetivos, na prática, são muito mais amplos e complexos que no planejamento. Os recursos e imposições muitas vezes não podem ser antecipados e os conteúdos são preparados de forma incompleta, por não se considerar todas as variáveis possíveis.

Por isso, no decorrer do estágio, em diversos momentos foram necessárias modificações no trabalho proposto, ora por interferências externas, ora por buscar melhor qualificação do trabalho realizado. As modificações exigiram das professoras a tomada de várias decisões não previstas, que acarretaram diversas consequências.

Estas modificações foram registradas no diário da professora estagiária. A tarefa de registrar as aulas, de acordo com Weffort (1996), materializa o pensamento e auxilia o educador a pensar em suas escolhas, seus acertos e erros. Ao fazer este movimento, ou ao voltar para o registro um tempo depois, o educador pode refletir, aprender e transformar sua prática.

Todo profissional, de acordo com Meirieu (2005), se ampara em modelos profissionais, que permitem pensar os objetivos, antecipar consequências e ajustar suas ideias. A professora que está na sala de aula também aciona seu modelo profissional. A formação deste modelo se dá por uma representação psicológica dos alunos, uma representação histórica e institucional de como deve ser uma sala de aula e uma concepção ideológica do papel do professor. Para elaborar um modelo profissional, podem ser combinados três aspectos: a) finalidades e objetivos da escola, b) recursos e imposições do meio e c) apoios científicos - conteúdos dos conhecimentos a serem transmitidos (MEIRIEU, 2005).

Tardif (2000) especifica que os saberes dos professores são constituídos ao longo do tempo. Parte deles vem da experiência pessoal, familiar e escolar.

Além disso, os primeiros anos de atuação no magistério são fundamentais na formação e estruturação da prática do professor e no estabelecimento de suas rotinas. Esses saberes, obviamente, também são formados pelos ensinamentos do curso superior e pela influência de materiais didáticos. Os saberes não são uma simples transposição do conhecimento, mas são apropriados pelo docente e personalizados por sua história, seu contexto, sua personalidade e sua individualidade.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, foi realizada uma análise dos registros das aulas feitos pela professora estagiária em comparação com seus planejamentos. Os planejamentos foram elaborados semanalmente pela dupla de estagiárias. Nele estavam descritos os conteúdos e seus objetivos, bem como todas as atividades pensadas em prol dos mesmos. Os registros, por sua vez, foram escritos após as aulas. A partir da necessidade de mudanças, cancelamento ou acréscimo de atividades ao planejamento, as informações e alterações foram anotadas em um caderno ou na própria cópia impressa do planejamento. Este material, juntamente com as memórias de cada estagiária, deu subsídio para a escrita dos registros das aulas que também trouxeram reflexões sobre as ações realizadas.

A análise foi feita a partir da leitura e destaque das situações em que a prática se deu de forma diferente à planejada, identificando e catalogando as motivações, que foram divididas em dois grupos: a) externas - relacionadas a aspectos estruturais que interferiram na continuidade das aulas; b) internas - relacionadas às diferentes necessidades emergentes do contexto de sala de aula e às respostas dos alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as motivações externas, encontram-se fatores como a diminuição do tempo da aula, interrupções da aula por outros funcionários da escola e percalços relacionados ao espaço e ao clima. Nesse grupo, destacam-se relatos que abordam a falta de tempo para atividades de ensino em sala de aula que ocasionou, na maioria das vezes, o cancelamento de atividades previstas e, com isso, o atraso dos conteúdos planejados para o período.

Já entre as motivações internas estão os aspectos que dizem respeito às professoras e aos alunos. Tratam-se das situações da sala de aula que exigiram alguma mudança na didática da aula, como a intervenção em uma atividade que deveria ser realizada autonomamente, a simplificação de uma proposta ou ainda o uso de novos recursos, exemplificados nos registros a seguir.

Registro 1:

A atividade pareceu bem confusa para os alunos, que não se lembravam das perguntas que deveriam fazer ao colega. Percebendo a dificuldade, que pode ter sido causada pela timidez, nós os ajudávamos a fazerem as perguntas e, muitas vezes, nós as fazíamos. A atividade demorou mais do que esperávamos. (Diário de reflexão, 2016, 1ª semana).

A situação em questão se tratava de uma proposta em que os alunos deveriam conversar uns com os outros seguindo algumas instruções. Considerando que o planejamento desta semana fora construído quando os alunos ainda não eram conhecidos, não se sabia se seriam tímidos ou se estariam familiarizados com atividades em grupo, nas quais precisariam se

manifestar oralmente. No momento da ação, percebendo a dificuldade, tentamos ajudá-los, interferindo em suas manifestações, para assim prosseguirmos com a atividade planejada. Após o incidente, durante a revisão dos planos seguintes, buscou-se sempre analisar se as atividades planejadas conseguiriam ser realizadas pelos alunos.

Registro 2:

Pensamos também em modificar um pouco o planejamento, lendo a história que seria ordenada previamente, entregando apenas uma parte das folhas do livro para cada grupo e já deixar definida a primeira e a última folha de cada grupo, colocando-as sobre a mesa, marcando o lugar em que deveriam ficar e a quantidade de folhas que caberiam entre uma e outra. Fizemos isso considerando que a atividade poderia ser muito desafiadora. Pensamos nisso ao ver as folhas que cada grupo receberia impressas: eram muitas folhas e estavam todas em preto e branco. Parecia muito confuso. (Diário de reflexão, 2016, 2ª semana)

A atividade relatada fazia parte de uma sequência didática escrita inicialmente para uma turma de segundo ano. Era previsto que antes da leitura cada grupo de crianças recebesse cópias das páginas do livro e as colocasse em ordem. Uma pista para a ordem das páginas estaria no conteúdo do texto, onde apareciam os números de 1 a 10. Durante a adaptação, foi considerado que a atividade poderia ser feita conforme pensada originalmente. Entretanto, ao ver o material preparado para a tarefa, nos momentos que precederam a aula, o desafio parecia ir além das capacidades dos alunos, o que comprometeria a realização da tarefa com autonomia. Além disso, muitos alunos ainda não compreendiam a ordem numérica. Considerando esses aspectos, optou-se por modificar a ordem do planejamento para que a atividade fosse simplificada e pudesse ser realizada autonomamente. Para isso, escolheu-se ler o texto e frizar a ordem dos números antes da atividade, objetivando, com isso, que se prestasse atenção na ordem numérica, que era o principal conteúdo trabalho e que daria pistas para a realização da tarefa.

Registro 3:

Depois, passamos a música do pindorama e, como a letra é difícil de compreender, perguntamos o que eles haviam entendido e eu acabei improvisando uma aula de história. Falamos que há muito tempo atrás só moravam índios no Brasil, não tinha gente branca e nem gente negra. [...] Embora eu não tivesse me preparado para essa explicação, acho que deu certo. (Diário de reflexão, 2016, 7ª semana)

O trecho apresentado é de uma aula da Semana dos Povos Indígenas, cujo objetivo era explicar sobre as diferentes etnias presentes no Brasil. Foi levado o vídeo de uma música que fala sobre a chegada dos portugueses ao Brasil. A música era cantada com um forte sotaque do português de Portugal, o que fez com que a compreensão da letra, ao ser ouvida pela primeira vez, fosse difícil. Percebendo que os alunos não estavam compreendendo a história cantada, considerou-se importante falar mais sobre o assunto. Foi explicado o que dizia a música, sendo necessário retornar a conhecimentos advindos principalmente da formação escolar das professoras. Inicialmente, as crianças foram questionadas sobre o que haviam compreendido, depois se já haviam ouvido falar sobre o 'descobrimento do Brasil' e se conheciam algum índio. A partir de suas respostas, foi falado que inicialmente o Brasil não se chamava assim; que aqui só existiam índios; que os portugueses estavam fazendo uma viagem e chegaram ao território brasileiro e que, a partir da vinda deles, o Brasil passou a ser habitado também por brancos e negros.

A análise dos registros mostrou as diferentes situações advindas da prática, não projetadas na preparação das aulas. Isso mostra, conforme Meirieu (2005), a vulnerabilidade do planejamento em relação à imprevisibilidade da recepção dos alunos e à amplitude dos objetivos, que nem sempre estão explícitos. Desta forma, ao se deparar com uma situação não prevista, se tendo consciência da dimensão dos objetivos, é possível “improvisar” sem perdê-los de vista. Também é percebida a combinação de técnica e sabedoria, mencionadas por Tardif (2000), responsável pelas decisões rápidas e pertinentes, tomadas no contexto de sala de aula.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise dos registros aqui proposta, a importância do planejamento do professor foi corroborada, uma vez que, ao planejar as aulas, a professora pensa sobre os objetivos a serem atingidos e organiza as atividades em prol dos mesmos. Ter o planejamento em mãos é importante para que se possa fazer alterações quando julgar necessário, sem fugir do foco da aula.

O registro das aulas, por sua vez, permite que a professora reflita sobre a prática; pense sobre o que teve sucesso, o que não teve e, ainda, sobre as motivações dos fracassos, para que a partir disso reelabore suas futuras ações.

Sendo assim, a ideia inicial desse artigo, que consistia em falar sobre as situações de improviso na sala de aula, acabou por ser revogada, visto que a preparação das práticas de sala de aula já devem considerar as situações de aprendizagem e dúvidas que podem emergir no contexto escolar. Tendo domínio sobre o conteúdo e sobre sua concepção de ensino-aprendizagem, o improviso docente não passa de um recorrer aos seus conhecimentos e colocá-los em prática no momento oportuno. “Por isso jamais se improvisa, a não ser que se tenha preparado cuidadosamente” (MEIRIEU, 2005).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. MEC, 2012.

MEIRIEU, Philippe. **O Cotidiano da Escola e da Sala de Aula: o fazer e o compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo**. São Paulo: Moderna, 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.

Revista Brasileira de Educação. ANPED, São Paulo, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

Disponível

em:

<http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_05_MAU ICE_TARDIF.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registros e Reflexão: Instrumentos metodológicos I**. Publicações do espaço pedagógico, SP, 1996.